

Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades: Cartografia Social dos Conflitos que Atingem Povos e Comunidades Tradicionais na Amazônia e no Cerrado- CLUA

TRABALHADORES DA AGRICULTURA FAMILIAR: ACAMPADOS OPRIMIDOS PELA MINERAÇÃO EM CANAÃ DOS CARAJÁS



BOLETIM
INFORMATIVO

6

Boletim Informativo

Edição Setembro 2019

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA-PNCSA

COORDENAÇÃO GERAL

Patrícia Maria Portela Nunes (PPGCSPA/UEMA)
Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA)
Emmanuel de Almeida Farias Júnior (PPGCSPA/UEMA)
Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)

AGENCIA FINANCIADORA:

Climate and Land Use Alliance – CLUA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA DESTE BOLETIM:

Rita de Cássia Pereira da Costa

EQUIPE DE PESQUISA:

Cristiane Vieira da Cunha (UNIFESSPA/NEAm)
Emmanuel Farias Junior (UEMA)
Fabiano Campelo Bechelany (UNIFESSPA)
Gilberto Bezerra Mendonça
Valéria Coelho de Melo (UNIFESSPA)
Sheila Dourado (UEMA)
Rogerio Rego Miranda (UNIFESSPA)
Rita de Cássia Pereira da Costa (UNIFESSPA)

EDIÇÃO:

Rita de Cássia Pereira da Costa
Emmanuel Farias Junior

FOTOGRAFIAS:

Gilberto Bezerra Mendonça
Rita de Cássia da Costa
Fabiano Campelo Bechelany
Rogerio Rego Miranda
Sheila Dourado
Acervo dos Acampados

CARTOGRAFIA E PRODUÇÃO DO MAPA:

Agentes sociais com elaboração de croquis
Rita de Cássia da Costa
Márcia Cardim
Rogério Miranda
Guilherme Teles

TRANSCRIÇÃO:

Carla Venancia da Costa (LABCASSSP)
Vanda do Rosário Oliveira ((UNIFESSPA/LABCASSSP))
Maria Raimunda Barbosa (SEMEC/ LABCASSSP)
Maycon Pereira (UNIFESSPA)
Rita de Cássia Ferreira (UNIFESSPA/LABCASSSP)
Rita de Cássia da Costa (UNIFESSPA/LABCASSSP)

CAPA/PROJETO GRÁFICO: Murana Arenillas

APOIO LOGÍSTICO: Eriki Aleixo

Projeto Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades: Cartografia Social dos Conflitos que Atingem Povos e Comunidades Tradicionais na Amazônia e no Cerrado- CLUA

TRABALHO DE CAMPO:

Cristiane Vieira da Cunha (UNIFESSPA)
Emmanuel Farias Junior (UEMA)
Fabiano Campelo Bechelany (UNIFESSPA)
Gilberto Bezerra Mendonça
Valéria Coelho de Melo (UNIFESSPA)
Sheila Dourado (UEMA)
Rogerio Rego Miranda (UNIFESSPA)
Rita de Cássia Pereira da Costa (UNIFESSPA)
Thiago Alan Sabino (UNIFESSPA)
Anna Carollina da S. Frazão (PIBIC-UEMA)
Ana Beatriz Melo Gomes (PIBIC-UEMA)
Valdiney da Silva – (UNIFESSPA)

APOIO:

Darlete Santana da Silva – STTRs Canaã dos Carajás
Raimundo Gomes da Cruz Neto – CEPASP
José Ferreira Lima – CEPASP

OFICINAS DE MAPA:

Novembro de 2017
Fevereiro de 2019
Atividade de Campo e Reunião de Trabalho Agosto de 2020.
Trabalhadores da Agricultura Familiar
Acampados oprimidos pela mineração em Canaã dos Carajás.

Acampamento Planalto Serra Dourada
Acampamento Grotão do Mutum
Acampamento Rio Sossego
Acampamento Alto da Serra (STTR)
Acampamento Eduardo Galeano – MST

LEVANTAMENTOS DE PONTO DE GPS:

Agentes sociais – agricultores
Acampados
Emmanuel Farias Junior
Fabiano Campelo Bechelany
Rogerio Rego Miranda

PNCSA

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

COORDENAÇÃO GERAL:

Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)
Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA)
Rosa Acevedo Marin (UFPA/NAEA/PNCSA)

FICHA CATALOGRÁFICA

B688 Boletim Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdade: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado / Trabalhadores da Agricultura Familiar: acampados oprimidos pela Mineração em Canaã dos Carajás. – N. 6 (setembro. 2019). – São Luís: UEMA Edições/PPGCSPA/PNCSA, 2020.

Irregular

Coordenação Geral da Pesquisa: Patrícia Maria Portela Nunes, Cynthia de Carvalho Martins, Emmanuel de Almeida Farias Júnior e Alfredo Wagner Berno de Almeida.

Coordenação da Pesquisa deste boletim: Rita de Cássia Pereira da Costa e Emmanuel Farias Júnior

ISSN: 2675-2263

1. Acampados. 2. Mineração. 3. Amazônia. I. Título.

CARTOGRAFIA SOCIAL: AGRICULTORES ACAMPADOS DE CANAÃ DOS CARAJÁS

“Faço parte do Acampamento Planalto Serra Dourada. E estou na Secretaria de políticas sociais do Sindicato. E assim, as áreas foram ocupadas desde 2015, no início era em torno de 350 famílias. E aí todos, assim que a gente ocupou, a gente ficou no Acampamento e, logo em seguida a gente também fomos pras suas [áreas], determinados lotes. E aí houve muita repressão – naquele tempo – dos próprios guardas da Vale, pessoal. A Vale entrou com um processo dizendo que era uma luta – é como eu posso dizer – individual. Não tratou a situação como uma luta conjunta. Então, o pessoal que foram pras áreas, a maior parte foram pegos de surpresa por liminares de reintegração de posse. E aí, mesmo assim a gente ficou nesse período todo tentando provar que se tratava de uma luta conjunta e não de um processo individual. E aí foram muitas as manifestações que a gente fez. Manifestação de rua, fechamento de estradas, manifestação em frente ao Fórum, pra que as liminares fossem derrubadas. E que, também pra que a gente provasse para o povo que era uma luta conjunta e que não se tratava de uma luta individual. Isso foi nesse decorrer aí dos [anos], de 2015 pra 2018. Foi um tempo que a gente fez mais manifestações, o tempo que mais teve lutas mesmo com as comunidades. A gente sempre tentou trazer também o que era a mineração no município, os impactos que a mineração acaba trazendo, as repressões que o povo vinha sofrendo. Não só o povo Acampado, mas também o pessoal que morava na zona rural. ”



Oficina de Mapa entre agricultores e elaboração de croquis.

Cristiane Jardim Gustavo

(Acampamento Planalto Serra Dourada, 2019)

“E aqui nesse croqui representa mais ou menos o que é o Acampamento Eduardo Galeano. Nós somos 78 cadastrados e são 78 lotes. Dá em média de 4.3 hectares cada lote. É um dos menores Acampamentos do sul e sudeste do Pará. A área por tá próxima – muito – da zona urbana ficou bem limitada, quatro hectares, não chega nem a um alqueire de terra. Nós temos aqui pra destacar, nossa legenda. Aqui temos a rotatória da cidade de Canaã dos Carajás. Aqui é a PA 160, que logo aqui do lado é o Parque de Exposição do latifúndio, ali que representa tudo (...). E aqui temos um gigante do agronegócio que é a fazenda Umuarama (...). Aqui nós temos um parque, chamado Parque dos Ipês, que é onde se cria pra abastecer a cidade – temos uma represa que abastece a cidade. E a questão da água, temos esse riacho que é partir da represa e outros de que se formam. Nós chamamos ele de um dos braços do Rio Verde. Temos uma nascente dentro do nosso Acampamento que se junta a ele também engrossando mais um pouco o riacho. Aqui



nós temos o ponto de destaque, o Macaubal que foi o primeiro lugar onde nós acampamos no dia 29 (...). Era só um retiro da antiga fazenda Serra Dourada, era do senhor Rafael Saldanha. Que inclusive os meninos aqui também do Planalto Serra Dourada têm uma área, ali próximo ao Carandiru, que engloba essa antiga fazenda também. Aqui nós temos a antiga vila do Acampamento. Nosso Acampamento, por ser tão pequeno, nós optamos por não criar vila. (...) todos somos vizinhos, não precisaria vila pra ocupar mais espaço, diminuir o espaço de produção. ”

Rivelino Torres

(Acampamento Eduardo Galeano, 2017)



Oficina de Mapa entre agricultores Acampados em novembro de 2017.



Oficina de Mapa entre agricultores Acampados em novembro de 2017.

“Sou do Acampamento Rio Sossego. Já tamos com dois anos e um mês que a gente tá lá dentro do Acampamento. Lá no Acampamento, é eu, e minha filha e meu neto. No início minha menina foi primeiro pra lá, e ela ficou lá e eu trabalhava na época. Aí ocorreu desemprego, todo mundo ficou desempregado aqui. É, porque os trabalhos que a Vale oferece são trabalhos temporário. Ou seja, a maioria das pessoas, hoje em Canaã dos Carajás, estão desempregados, porque ela não oferece trabalho para ninguém, né! Eu, assim me sujeitei. Antes eu não tava querendo ir, no início não, para Acampamento, não, mas aí fui obrigado a ir para Acampamento. E hoje eu tô lá no Acampamento, mas tô gostando, eu acho muito bom. A partir do momento que eu passei para lá começamos a criar galinha. E antes eu não tinha essa oportunidade de criar. E hoje eu estou muito satisfeita, tô criando meus bichos. Estamos plantando a roça é muito satisfatório. ▮▮

Maria Dulcinéia

(Acampamento Rio Sossego, 2017)



“Aqui, eu sou do Alto da Serra (...). Essa situação, na qual os companheiros estão falando, e que nós estamos vendo, é uma mudança de uma coisa pra outro, né? Motivo de nós tá fazendo esse trabalho em conjunto é porque a área toda, segundo a Vale que disse que é dela! Nós sabemos que se mexer aqui vai atingir nós lá. Se mexer no outro, que já tiraram, tá atingindo nós também. Nossa saída, a solução é essa: juntar nosso povo e procurar maneiras de como nós dá o andamento nessa nossa caminhada. Defender o direito de cada um e procurar trabalhar e produzir sem o impedimento da Vale. Que a Vale tem a ver com o minério, com o cobre, com o níquel, com outra qualidade de minério, aço, seja ferro, manganês. E ela tá dizendo que tem uma área de reserva que essa área é de segurança, é da parte de como

que diz? Da forma de reflorestamento. Nós não conhecemos nada da Vale reflorestando aqui. Nós conhecemos a área que tem animais, tem gado, que tem contrato com fazendeiros. Então, a nossa situação hoje, esse povo que está aqui em Canaã, que antes muitos eram empregados, trabalhavam nas empresas, que prestavam serviços pra Vale, hoje estão desempregados. A única saída é ir pras terras! (...). E esse povo é a chamado da Vale, porque foi a serviço da época da montagem do Projeto, e esse povo estão sem ter (...). É o único meio, é a única saída! (...). É ir pras terras pra plantar uma mandioca, feijão, o arroz, o milho e mais o que alimenta, açaí. Porque não tem mais, tá tudo degradado, não tem mais o açaí, a castanha do Pará, foi embora. Não tem sequer o animal silvestre, foi embora também, desapareceu! Alguma arezinha que tem na realidade é pequena, porque já foi área que ela indenizou – na realidade diz – na realidade que ninguém não pode entrar. Mas os próprios seguranças da Vale têm direito de pescar, de caçar e tudo. Na realidade é um trabalho deles, agora nós não, não tem direito nem de entrar lá pra nada. No qual ela tem a ver com manganês, ela leva ouro, diamante, que seja outro minério como se fosse rejeito. (...). Aqui na 13 também na aonde o garimpo, aonde nós conhecemos como CEDERE III, que na realidade era uma área aonde o pessoal garimpava ouro, existe outras qualidades de minério, mas tirava o ouro (...). Ela leva como se fosse cobre, como se fosse níquel, “tá conversado, ninguém fala nada!” Aí diz que nós não temos uma associação, nós não temos uma fiscalização, que nós, não sabe de nada, que nós têm que desocupar a área dela. Porque, nós estamos plantando, nós estamos pra colher, nós estamos precisando dar a nossa família, nós precisamos criar ali, que é na terra. Então, nós temos o lugar, espaço que é a terra, que nós estamos pleiteando. ▮▮

Joaquim Sousa

(Acampamento Alto da Serra, 2017)

HISTÓRIAS DA OCUPAÇÃO DA TERRA E A QUESTÃO FUNDIÁRIA

“E eu vou contar só um trequinho da minha história, para não se alongar muito. Olha, em 98 eu cheguei aqui no Pará, (...), onde eu vim do Maranhão. E quando eu cheguei, Deus me deu uma oportunidade de conhecer um povoadozinho bem pequenininho que chama Serra Dourada, a qual o Acampamento tem um slogan, viu. E essa vilinha, esse povoado assim, as pessoas, em 98, viviam felizes, por quê? Havia colonos assentados do outro, e eles tinham um servicinho dele. Aqueles que não foram formados para trabalho nenhum – que eles são todos carentes, eles viviam tranquilo – trabalhando mesmo braçal, mas se sustentando de boa. Se alimentando de boa. Em 2000, o negócio começou a desandar, porque a Vale já chegou no nosso setor. E comprou as terrinhas, comprou a do fundo, comprou a da frente e foi comprando. Então aquele povoadozinho, simples, que até hoje ainda estão lá. Eles pescavam dentro das áreas dos colonos. Os colonos, porém, não se importavam porque era pra pegar um peixinho aqui, um peixe ali, para comer. E quando a Vale comprou, coitados de nós: “não é deles não”. (...). Foi quando depois de um tempo surgiu a oportunidade dessa ocupação. E, lógico que nós, muito prejudicadinho, espremidinho ali naquele setor, sem ter liberdade para nada, claro que nós achamos uma boa ideia, de entrarmos juntos. E foi quando a gente entrou, estamos nessa luta, entendeu? Esses dois anos e seis meses que nós estamos hoje. Hoje, porém os companheiros todos com a mente meio que perturbada, por causa dessas liminares que estão surgindo, como todos os companheiros já falaram. Então, é assim, mas nós estamos juntos na luta entendeu, vamos lutar até o fim. ”



Oficina de Mapa.

Carlene Silva

(Acampamento Planalto Serra Dourada, 2017)



Área de roça.

“Eu sou Volney, sou filho de colono dessa região (...). E eu queria contar um pouquinho como é que começou a mineração nessa região. Então, no final da década de 80 já existiu Assentamento Carajás II que é aonde meu pai tinha um pedaço de terra. E essa região só tinha colonos como outros companheiros já falou isso. Aqui era uma região tinha muito feijão. Mas no lote 24, quadra 32 do Carajás II já existia uma empresa, que se dizia fazer pesquisa, que era chamada por DoceGel, que é uma empresa muito antiga, nessa região. Mas na verdade lá tem uma cava muito grande que hoje só tem água, mas naquela época era uma espécie de garimpo manual, mas tinha muitas máquinas. Então eles retiraram o ouro daquela região em nome de uma pesquisa. E no início da década de 90, 94, isso foi ser fundado e ficou só os

colonos. E isso a gente tocou até 98. 97, 98 e aí foi quando apareceu a Vale. O que é DoceGel era só um sobrenome da Vale. Aí ela começou com as sondagens. E aí não é diferente de outros lugares e, onde outra mineradora chega. Ela chega dizendo para mineração, muito interessante, ia trazer progresso e a melhorar as estradas. E se fosse para indenizar, seriam indenizações muito interessante e que os filhos dos colonos e moradores da região ia ter oportunidade desse jeito assim. E se tocou por 5 anos com nível de pesquisa foi quando começou a implantar o Sossego. O carro-chefe do município que foi o Sossego. E foi implantado e começou a operação em 2003. E aí como a companheira de hoje falou: “acabou-se o sossego dessa região”, começou Sossego para Vale. E acabou o sossego para os colonos, desde lá gente vem sofrendo, e como falei a minha família tinha uma terrinha nessa região. E aí os guardas da Vale sempre perseguindo, por exemplo, nós criar uma vaquinha de leite, tem algum momento dessa vaca ultrapassar essa nossa cerca que fosse para terra da Vale (...), os guarda chegava, batia na vaca, a gente era obrigado a tirar. E a vaca achasse uma cerca baixo aberta e entrava ele dizia que era a gente que tinha colocado, chamava a polícia. ”

Volney de Souza

(Acampamento Planalto Serra Dourada, 2017)

“A gente entrar, você viu, lá e resolver. Sempre rolava denúncia na polícia nós não tava, os vizinhos lá e resolvia. Depois de um colono vender a terra e pagava alguém para tirar a cerca que na época a gente podia tirar a cerca do meio, aqueles repartimentos. Aí a Vale, cara vinha amarrava uma pessoa e levava para a delegacia ia, e como se fosse um policial. Na verdade, era um trabalho de um segurança, mas quase levava, assim por diante. Assim, como companheira falou, muitos companheiros da região entraram para pescar, para pegar vara, pegar alguma coisa, ou até uma mesma criança para passarinho essas pessoas também seriam reprimidas (...). Aqui mesmo nesse local, que é a fazenda Pé do Morro, do sítio Pé do Morro, ali mais pro fundo tinha um açailal nativo, não é muito grande, mas é um açailal. O rapaz foi lá tirou dois sacos de açaí para levar pra família. Chegaram pegaram ele para, pegaram e levaram pra eles. ”

Volney de Souza

(Acampamento Planalto Serra Dourada, 2017)



Oficina de Mapa no Acampamento Eduardo Galeano.

prefeitura solicitou a área, agora, e a Vale alega que fez uma doação pra prefeitura, mas como ela fez uma doação pra prefeitura de uma área que não pertence a ela? Porque é uma área sem destinação (...). Então assim, em algumas buscas que a gente fez, ela fala que não pediu que área fosse dela, não solicitou que a área fosse dela e que ela pediu apenas o uso da área. Então a gente precisa juntar o Terra Legal pra tá buscando ainda essas informações também. Informações que a gente tem do mapa que foi lançado, que se trata de uma área sem destinação. Na verdade, são dois pedaços dessa área que pertence ao Terra Legal, uma que fica situada na VP12, ali e a outra que fica à beira do asfalto. São esses três tipos de situação que a gente tem. Então a gente tá lutando, brigando dizendo que a área é pública e que ela precisa ser destinada, mas sim pros agricultores. ”

Cristiane Jardim Gustavo

(Acampamento Planalto Serra Dourada, 2019)

“Então o que a gente quer deixar bem claro, que a gente ocupou porque a gente tá numa fase muito difícil, (...), mas é desde o início com honestidade, entendeu? Deixando, seja alguma coisa dos outros ali, e tentando trabalhar nesse sentido, entendeu? De crescer e com o que é da gente, não tem? É por isso que a gente ocupou essa terra porque o pessoal costuma falar assim dessa terra, “ah não, o que é da Vale, é isso, é aquilo”. A gente ocupou porque a gente tá sabendo que é patrimônio do povo, e Terra Legal. Pelo menos é o que o povo, que a gente tá acompanhando nas reuniões, é juiz e tudo, a gente assiste e tudo, a gente tá sabendo é isso, que é da Vale, mas é patrimônio do povo, entendeu? Terra Legal. Então é por isso que a gente tá aqui. ”

Ana Cleide Machado

(Acampamento Eduardo Galeano, 2017)



Apresentação de croquis no Acampamento Eduardo Galeano.

“REFORMA AGRÁRIA” E A “LUTA DO MOVIMENTO VENDENDO O SANGUE PELA TERRA”



Discussão sobre a terra na Oficina de Mapa.

“ Eu falo no geral, que a Reforma Agrária no município de Canaã, obviamente ela acabou. Canaã era a cidade do feijão aí virou a cidade do minério. Só que o povo não dá conta de comer o minério, porque incha o bucho. Infelizmente nós chegamos ocupemos aí. A gente tá produzindo, tem muita roça de mandioca, muita roça de milho. Mas tem muita coisa aqui, para mostrar. Mas infelizmente o prefeito é contra nós, a polícia é contra nós, o governador é contra nós, o Temer com a bancada ruralista agora. Quando era o Lula, não, pelo menos nós sair não tinha taca. Hoje o Temer, ganharam a bancada, era 250 deputados, não é brincadeira, é um peso mais ou menos, é razoável. Então, que que acontece os fazendeiros da região de Canaã da, os fazendeiros da região de Marabá, Parauapebas, Eldorado e o 30. Então a luta do movimento, vendendo sangue pela terra vem desde o tempo de Moisés. Quando Moisés subiu ao monte para orar a Deus a tiraram as alianças, os Anéis da mulher, os brincos, aí foram fazer um bezerro de ouro para adorar. Deus foi abrir uma vala e caiu à metade do acampamento dentro aí acabou aí ficou só a metade para começar acampamento. Nós tá na mesma tarefa essa metade do Acampamento aqui tem que cair numa vala, só que tem uma barreira, e uma barreira muito pesada que se chama Vale do Rio Doce. Só que a Vale do jeito que agora, os movimentos, agora se unificou (...). Vai para luta e,

só ganha a terra com luta, se nós não fizer uma ocupação não tem nada. Eu fiz uma pergunta para o juízo agora, e eu mais esse cara aí, quase nós vamos preso, eu perguntei: “doutor quer dizer que o senhor quer que nós coloque nossos trabalhadores pra brigar, aí morre uns 20, para provar ao senhor que nós quer a terra”. Porque nós, já têm por fora [a ideia], e a polícia se for botar nós para brigar, eles têm arma pesada. Então nós vamos perder e se morrer vai ficar na culpa de quem? “Quem vai levar a culpa? Quem é culpado se nós morrer? Então para ganhar um pedaço de terra é preciso nós derramar sangue, igual foi Eldorado, igual foi Pau D’arco, igual foi outros lugares. (...) Mas, é que a Vale é uma firma que já passou por vários países e só deixa o buraco e o apito dos trem. Então aqui vai ser do mesmo jeito que vai acontecer aqui porque aqui já tem buraco demais. E o povo do Canaã já tá passando necessidade, mais necessidade vai passar. Por que, porque a Vale não vai demorar muito ela vai embora porque o projeto da Vale que ela fez para 60 anos, que ela pediu, ela tá fazendo em 12. Porque ela fez uma traição, porque assim, ela faz um contrato de 60 anos, aí mete a empresa dentro e come o bife em menos dos 10 anos, 20 anos, 15 anos, vai embora. Vai ficando só: olha Parauapebas a situação do Parauapebas. Aqui nós, têm o rio Cajazeira acabado, tem esse rio aqui acabado, o rio Parauapebas acabado, rio Arara tá acabado. O rejeito da Vale tá sendo jogado dentro do rio Parauapebas. Parauapebas lá embaixo tá só a lama e ninguém que fala nada, porque a quando começa a falar, a Vale faz cala a boca aqui. ”

Paulo Rodrigues

(Acampamento Planalto Serra Dourada, 2017)

AGRICULTORES ACAMPADOS: TERRA, CULTIVOS E PEQUENAS CRIAÇÕES

“Aqui nós estamos começando pela serra. A serra nasce, numa nascente de água, sempre começa na serra, né? Aqui nós temos o igarapé e leva, aqui aonde chega, uma cachoeira. Onde lá tem uma caverna, tá aqui! E mostrando aqui uma casinha e, aqui tá mostrando uma caverna, aqui do lado, escondido aqui. Aqui é caída da água, aonde desce o córrego. Aqui aonde nós chegamos, a linha, que do outro lado é Curionópolis e que o lado de cá é Canaã. Nessa área aqui é onde existe o loteamento, aonde são lotes, aonde são lotes, que nós sabemos de 5 alqueires, de 4,5 alqueire lá na área. Então essa é considerada área toda pra produção agrícola, essa área que tá mapeada nessas qualidades. Aqui nós mostramos uma área que é o açazeiro, aonde aqui tem açai e cupu. Que é o projeto cacau.

Aqui tá demonstrando aqui ó, aqui é área florestal. Do outro lado é um alto já pertencendo uma..., de Curionópolis, mas é vizinho lateral nosso. Que nós também temos como fosse município de Canaã, mas do outro lado ficou com o pessoal que é do movimento do MST. Mas essa área, que nós queremos dizer, não tem muita representação assim de nome, no qual seria lote com área que fosse plantio da banana, da mandioca. O que nós temos da banana tá aqui embaixo. Nós temos as VS que é onde corre aquelas estradas. Tá aqui os, ramal, nós temos aqui representando as vicinais. Aonde nós estamos olhando aqui, há mais essa área, não tá mostrando planta, esses lotes todos são lotes (...). Então aqui cada coisa tá mostrando que tem área de plantação, são lotes que já tem gente trabalhando, já produzindo alguma coisa. Como nossa produção não deu pra fazer mais detalhado, mas dá pra perceber que em cada área dessa daqui, em cada lote tem um sinalzinho, esse sinalzinho demonstra – a cada um desse sinal – uma forma de trabalho, de planta. Esse aqui ficou mais decorado, porque aqui é bananal, é mais de mil covas de banana, do Acampamento. Tem aquela [área] do Acampamento – tá aqui embaixo – onde nós temos aqui viveiros também. Temos a casa de reunião. Temos um projeto aonde aqui tem uma roça comunitária, que é nessa área verde aqui em cima, e ao lado aqui da área da Vila. Temos outros projetos aqui embaixo que é onde nós temos o plano de fazer a casa de... farinheira. Nós temos o plano de fazer a casa que vai ficar pra movimento de usina. E, mais, o que mais nós teremos lá? (...). Então nós temos essa outra parte que é do lado da estrada, temos aqui a divisão daqui que é essa linha, que é a forma do igarapé, onde vai ser plantado também açazeiras, é planta que nós, é da área da comunidade, da vila. E essa área nós pretendemos fazer ela de uma área verde, né. Aonde é o igarapé nós temos, aonde cada lote desse que faz frente, que faz lateral com igarapé, torna-se uma fonte, torna-se onde a gente vai ter uma área de, como diz? De, (?), de fonte de água. Aqui tá um lugar, mostrando que aqui é aonde nós temos um lugar de encontro, de lavar roupa, de tomar banho e tudo, no igarapé. Que esse igarapé é o igarapé “cupuzeiro”, que nós chamamos cristalino né, na língua, porque a água é muito boa, a água é muito bem e bonita. ”

Joaquim Sousa

(Acampamento Alto da Serra, 2017)

“Aqui a gente identificou também o nosso barracão, aqui onde a gente faz as nossas reuniões, onde a gente faz as nossas confraternizações também. Deixa eu ir lendo os croquis, né? Aqui a gente – esse azulzinho, onde tem esse pontinho azul – a gente identificou rios, grotas e nascentes, que seria esse aqui. E depois a gente, com o laranja, a gente identificou as VS, as VP’s, as estradas de chão, seria esses alaranjados aqui. Então a gente tentou identificar onde tá a VP 12, a VS 45, essas VS’s aí conhecidas, e as estradinhas também que dá acesso às áreas onde a gente tá localizado. E depois a tentou identificar com esses pontinhos verdes, onde a gente tem roça. Que apesar da gente tá no Acampamento, mas a gente também tá distribuídos nos lotes, e a maior parte dos lotes também a gente tem roça no local. Então aonde não tem a plantação, tem o pessoal que tá – tem um aradozinho – alguma coisa pra começar a produzir também. Que agora tá iniciando as chuvas aí, e o pessoal também tá nessa organização de montar roça. Então, onde a gente identificou com os pontinhos verdes, é onde seriam as roças: plantação de milho, de abóbora, feijão, e muitas outras coisas aí. E depois vem o rosinho aqui, como eu já falei, é do Acampamento, onde tá localizado o Acampamento, que aí ela colocou aqui onde tinham as plantações. ”

Cristiane Jardim Gustavo

(Acampamento Planalto Serra Dourada, 2017)



Sementes armazenadas no paiol – Acampamento Alto da Serra.



Cultivos de Carlinhos – Acampamento Alto da Serra.

“ Assim de início, assim que a gente ocupou tinha uma roça comunitária. Roça onde todo o pessoal do Acampamento ia, plantava e aí todo mundo colhia junto. As pessoas foram pra um lote e começaram a plantar suas roças. De 2018 pra cá, eu acho que também, um pouco por ter avançado esse diálogo com as empresas, as liminares terem sido suspensa, o pessoal tem investido bastante em roça. Esse ano acho que vai ser um dos anos que mais vai ter produção aqui no município de Canaã. Que acabou um pouco aquela insegurança que tinha de plantar, e aí não poder colher, né? Porque se a gente tá conversando, tá dialogando, já tem uma certa segurança de que as pessoas vão pelo menos colher o cultivo que plantar. Então eu acho que vai ter um aumento grande na produção porque, à justificativa que dá de não plantar, de não colher, e por causa das liminares de reintegração que tinha. Então esse ano muita gente investiu em roça, teve muita gente que tá plantando arroz, feijão – cultivos que aqui tinha se acabado. Questão da mandioca, (...) é um cultivo pra investir por pouco tempo, não são cultivos permanentes. Alguns tão já investindo em laranja, mexerica que são cultivos mais permanentes. Mas, a maior parte ainda é arroz, feijão, esses cultivos que colhe com menos tempo. Mas eu acho que vai ser significativa a produção desse ano de 2019. ”

Cristiane Jardim Gustavo

(Acampamento Planalto Serra Dourada, 2019)



FALTA LEGENDA.

“ E temos também, a nossa produção, ela é variada, em quase todos os lotes nós temos produção, que varia. O principal foco é culturas anuais, por exemplo, milho, arroz, mandioca. Temos também feijão, temos banana, alguns agricultores já cultivam banana. Tem umas pequenas plantações, e temos também a honra de ter recebido os sítios antigos. Porque lá, como era uma antiga área de colonização, de posseiros. Que lá é uma área da União, que os posseiros, há muito tempo, o fazendeiro foi comprando, agregando lote por lote e, aí o fazendeiro comprar área e vende pra Vale, posteriormente. Ficou vários sítios abandonados, e temos a felicidade, eu mesmo fui um do que tive a felicidade de pegar uma área que tinha um antigo sítio abandonado. Frutas, já produzindo, mangas, jaqueiras, cajueiros, algumas coisas assim do gênero. E temos também cultivo de hortaliças também, pequenas hortas também, e pequenas indústrias artesanais de farinha. Já temos também lá no nosso Acampamento, que é a produção disso, e se destaca. ”

Rivelino José Torres

(Acampamento Eduardo Galeano, 2017)



Produção de farinha.

A questão de produção, lá nós temos uma grande produção de farinha. Tem três farinheiras. Uma foi inaugurada tem uns 20 dias – é a que tá mais produzindo, que é muita gente, mais organizada. E a gente tá tentando resgatar agora o coletivo. Pelo menos de 4 famílias, trabalhar só numa área. Se quer plantar só feijão, planta só feijão. A gente vai ver se consegue com mais quatro famílias, plantar só outras coisas. Pra ficar melhor, até pra venda. Porque quando a gente chegou aqui o saco de farinha custava 300 reais, 350, hoje está custando 170, porque a produção aumentou demais.

Liliane Guimarães Gomes

(Acampamento Eduardo Galeano, 2017)

“ Aqui é vizinho, é filho, que a gente se organiza aqui, a gente faz: vem ajudar a gente descascando a mandioca, a gente dá a farinha. Tem pessoas também que precisam também e é assim que a gente faz, a gente dá a farinha pra eles. Quem ajuda a gente descascar, dá farinha. Pra quem ajuda buscar lenha e pra quem torra também a farinha. É desse jeito, a gente vai se organizando assim, porque a gente não tem dinheiro pra pagar. Então a gente diz logo: se tu quiseres vir ajudar nós, nós podemos te dá a farinha. Aí eles dizem se querem a farinha. Aí é isso que nós estamos aqui na luta. Porque dinheiro não, dinheiro não tem! ”

Maria da Conceição

(Acampamento Eduardo Galeano)



Cultivos de hortaliças.

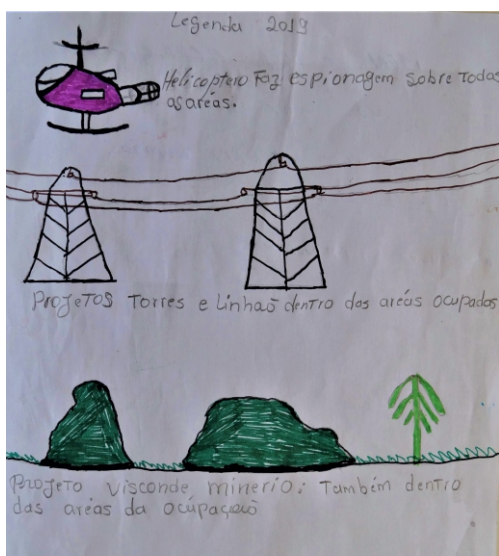
“Que possamos mostrar para as autoridades que nós precisamos dessas terras aqui para trabalhar. Porque ao contrário que todo mundo fala – “que esse pessoal não trabalha, são tudo preguiçoso” – nós queremos mostrar que tem muita gente que precisa da terra e quer trabalhar e quer viver disso aqui. Porque na rua gente não tem nada, não. Não adianta você tentar resgatar alguma coisa na rua que lá não existe. Os grandes estão tirando nós, além de tá tirando da rua, tá tirando da roça – tá tentando tirar da roça. Para onde nós vamos? Aí como vocês veem essa área aqui está sendo trabalhada: plantio de açaí, cacau, banana e a macaxeira. Que a mandioca ela vai servir no alimento do cidadão brasileiro, que tem muitos que pensa que não precisa dessa mandioca que vai ser plantada aqui, do açaí. Mas eles vão comer dessa terra. O prefeito aqui da cidade que se chama Jeová já foi pobre, que era para ele ver o que o pobre passa, ele esqueceu que hoje ele tá rico. Ele chama a nós de gato pingado, mas nós somos trabalhadores. Eu quero que: “você se lembra Jeová – com a Vale que a mineradora mais rica do mundo, como o pessoal fala, só que ela mora fora do Brasil. Mas, brasileiro daqui come. O rico come, o poder público come”. Eles vão comer essa mandioca que a Vale não vai plantar. (...) Ela tá destruindo a nossa terra, tá! Agora a Vale tá destruindo a nossa terra, agora tá destruindo a nossas matas. E o retorno que ela tá dando para nós: que nós não temos emprego, nós não temos mais o pão de cada dia na mesa, porque não tem emprego. Então, é o jeito nós aqui e eu, que nós estamos agindo aqui, nós estamos fazendo!”

Antenor Marinho

(Acampamento Planalto Serra Dourada, 2017)

“A VALE, ELA NÃO TEM FRONTEIRA” E “ELA PEGA POR TODOS OS LADOS”: LUTA PELA TERRA E AMEAÇAS

“Sou aqui do Acampamento Planalto Serra Dourada (...), já faz dois anos e seis meses que nós estamos nessa luta aí. Começo, neós entremos em 75 famílias, e a área muito grande aí criou mais dois grupos, depois nós resolvemos fazer só um Acampamento só, na área. Hoje nós somos 350 famílias. Do primeiro dia veio um pessoal da Vale, o pessoal da



Croquis representações de situações na Oficina de Mapa.

segurança, aí perguntou por que nós estava aqui? Nós falamos porque 51% do município era da Vale, aí nós resolvemos ocupar. Nós não tinha como sobreviver na cidade, resolvemos ocupar para nós plantar e resistir aqui nessas áreas. Então até hoje nós estamos aqui. Aí vem uma liminar que foi do juiz aqui e mandou para Vara Agrária. Aí a Vara Agrária pegou e mandou, deu favorável para a Vale, a liminar. Nós temos uma liminar de despejo aqui no Acampamento. (...). Nós resolvemos ocupar, cortar a área pra ocupar – de 5 alqueires para cada pessoa. Aí, não! Veio mais 20 e poucas liminar, e depois veio pra 40 e pouco. E hoje eu acho que tem umas 70 liminar aí, na nossa área. Nesses últimos dias entregaram bastante liminar, pessoal vem bastante pressionando nós com helicóptero, filma nós aí – é passando aí direto com helicóptero. (...). Tem dia que eles filmam baixinho que a palha do barraco arrepia – helicóptero. Nós, vive mais com helicóptero aqui. O pessoal da Vale de vez em quando passa aí filmando o que pessoal tá fazendo aí.”

Eduardo Silva

(Acampamento Planalto Serra Dourada, 2017)

“E nos últimos dias, nós sabemos, tá descendo uma força aí para acontecer o despejo. Que o nome desse sítio chama Pé do Morro e vocês viu o juiz falando lá na Vara Agrária que tem despejo para esse Acampamento aqui, no calendário da força veio 13 e 14 de dezembro, né? Para nós ter uma audiência ainda com juiz Agrário que é no dia 6 de dezembro em Canaã. Possivelmente não vai ser lá no Fórum, deve ser lá na Câmara porque o Fórum vai estar ocupado. E nós vamos resistir cobrar nossos direitos, nós estamos aí plantando, produzindo.”

Eduardo Silva

(Acampamento Planalto Serra Dourada, 2017)

“A nossa situação hoje é de enfrentar, enfrentar toda a sociedade e trabalhar numa só coisa (sic). Nós lá não temos um mandato, ainda, mas o vizinho do lado tem. E o vizinho do lado, de acordo com o mandato tá atingindo nós também, porque (...) a Vale ela não tem fronteira, ela é sem fronteira, ela pega todos os lados. Ela vai com a tropa de choque pra tirar o vizinho, não vai mexer comigo? É claro que sim! É claro que a ordem do juiz vai decretado: tira todo mundo, tudo é sujeira, tira tudo. Então é esse caso.”

Joaquim Sousa

(Acampamento Alto da Serra, 2017)

“ Os guardas florestal que fazem a guarda da Vale e chama-se PROSEGUR. Então esses guardas, além de tudo deles fazerem as coisas – e eu concordo com eles, que eles são mandados a fazer essas coisas (...), e eles chegam pras pessoas como se fosse autoridade. E a gente tem que ficar bem calado, porque se não ficar calado, entra na botina mesmo, na bala, então tem que ficar calado. Então isso é uma coisa também muito importante pro nosso movimento – que tem que parar com isso, com essas coisas – porque o cara não é policial pra chegar ameaçando. Ninguém é ladrão aqui... (...). Então o problema é dos guardas, florestal de Canaã dos Carajás, que é mandado pela Vale. ”



Croquis representações de situações na Oficina de Mapa.

Raimundo Garcês - Raimundão
(Acampamento Grotão do Mutum, 2017)



Elaboração de croquis e relatos de situações em pesquisa campos.

“ Numa estrada que dá acesso, igual eu falei, à Ferrovia. Eles param em cima desse acesso. Eles pegam esses drone, e eles geralmente – pelo pouco do conhecimento que eu tenho – eles rodam sempre norte-sul. Sempre vai e volta, na mesma direção. Ou Leste-Oeste, na mesma direção, não faz tipo, esse tipo de vai lá filmando, que a gente vê a câmera embaixo. Quando ele vai e volta, ele faz isso aqui, volta, vai e volta. As pessoas já quiseram fazer algumas coisas, só que a gente sempre tenta controlar, porque hoje, porque até um espirro para eles vai acabar no processo retornando para gente, certo. Então o que está acontecendo quando você tem conhecimento, pessoal tem conhecimento, está lá na roça, está em cima rodando, o companheiro tá trabalhando do mesmo jeito, infelizmente a gente não pode fazer outra coisa. ”

Valmir Silva Junior

(Acampamento Rio Sossego, 2017)

“ Então eu quero dizer para vocês assim, mais: está com uma base de 160 Líder aí, dentro desse Pará, morto, de 2016, 2017. Maioria desse pessoal sindical, MST e para mais de 40 preso sem saber quando é que sai. Agora com essa bancada, essa UDR assumindo agora, a bancada ruralista tomando conta do Brasil. Como é que tá? Obviamente tá saindo, tem um comentário que tá saindo, vai sair uma prisão para toda a coordenação de Acampamento. Para intimidar a coordenação, intimidar o povo. Então Canaã, município de muito barão. Canaã é uma cidade de muita gente rica, aqui em volta de Canaã tem muita gente rico, e a Vale, que que a Vale fez? Quando a gente chegou aqui isso aqui era tudo coberto por pé de boi. Quando a gente chegou era comodato feito por fazendeiro, por 10 anos, 20 anos, 30 anos. Tava nem aí, ela alega na justiça que essa terra é para botar com compensação. E por que que ela fez comodatos para os fazendeiros criar gado dentro? Porque o fazendeiro tem o pistoleiro para vigiar os Sem-Terra, não entrar. E o gado dele tá comendo e o pistoleiro tá olhando. Então ele tá protegendo a área da Vale. E aí a Vale vai avançando, comprando mais terra. Inclusive aquele que não quiser comprar, ela deposita o valor da terra em juízo, e o cara é obrigado a pegar o dinheiro senão ele vai sair de lá debaixo de taca, a justiça tira. ”

Paulo Rodrigues

(Acampamento Planalto Serra Dourada, 2017)

“ A Vale tem uma milícia armada onde teve um Acampamento nosso, dois Acampamento nosso, onde os Sem-Terra foi tirado. Inclusive o seu Raimundo foi agredido por ele e o do Rio sossego, foi agredido e o pessoal da FETRAF (...). Aqui também no caminho teve um pessoal que foi atirado também, e quando os atirados chegaram na delegacia já tava lá os os guaxebas da Vale, já tava tudinho lá e o delegado já queria prender quem tava atirado e não o que atirou. Aí vocês tiram, qual é o poderio dessa empresa no dinheiro? Mas, tava lá dentro e olhando advogado deles, pediu 60 liminar. Dentro de 15 dias aí distribuindo aqui dentro, no Acampamento também. Por aí você vê. E nós pedimos seis audiências que nós tínhamos marcado, empurrou com a barriga. O que é, quem é que manda nisso? Quem manda é o dinheiro. Então, quem tá mandando é o capital. Então quem não tem é cachorro de quem tem. Só nós queremos fazer o contrário, aquela história que a roda grande passa dentro da pequena, agora eles fizeram o contrário agora. Mas tem que provar para eles que vai continuar a mesma história. E então para nós provar isso as lideranças desse movimento tem que trabalhar dia e noite, muito pesado, isso é muito pesado. ”

Paulo Rodrigues

(Acampamento Planalto Serra Dourada, 2017)



Elementos da mística em reunião no Acampamento Eduardo Galeano.



Acampados do Grotão do Mutum e Rio Sossego indicam efeitos situações em contexto de mineração.

“ São todos criminalizados. E questão de tática, o que a gente pensa hoje na maioria, é união mesmo, certo. Porque infelizmente se você está com facão, que vai para sua roça trabalhar, e aí eles fotografam você conversando com alguém aí eles colocam como se você está ameaçando. Então, nossa tática hoje é a massificação, certo. É juntar, a união, trabalhar todos junto, unido e ver se a gente consegue. Claro e até engraçado eu falar isso, mas tentar na justiça, conseguiu alguma coisa, certo. Mas a gente estar firme e forte, aí na luta. ”

Valmir Silva Junior

(Acampamento Rio Sossego, 2017)



Acampados do Grotão do Mutum e Rio Sossego indicam efeitos situações em contexto de mineração.

“ Nós estamos vivendo um momento difícil, todos estão sabendo! É um marco, também importante, na história dos movimentos sociais, essa união entre todos eles, agora. Porque a gente falou: “é se unir ou morrer, abraçado ou separado, não tem outro meio. Nós estamos com a liminar também, de despejo pra agora, era pra dezembro, via Comarca de Canaã. Estão pleiteando ver como é que fica a situação, e todo mundo tá nervoso. Os Acampados ficam com os nervos à flor da pele. Já imaginou, quem não tem pra onde ir, né. Tem uns colegas que até brincam, poxa em Canaã não tem ponte, pra onde é que a gente vai se esconder, aonde? Vai morar aonde? Porque muitos usam as pontes, os viadutos, os pobres do Brasil, nas grandes cidades, nas pequenas, e nós que nem ponte temos? Iremos pra onde? Então fica aquela dúvida. E cabe a nós, mais do que nunca. ”

Rivelino José Torres

(Acampamento Eduardo Galeano, 2017)

“ A gente trabalha e não serve só pra gente, serve também pra eles também que estão lá na cidade. (...) Não é só pra gente também. Porque aqui tem muito pai de família, mãe de família que precisa, que não tem, pra onde vai, né? E assim como eu sei que preciso, eles também precisam. Porque se eles não precisassem não tava aqui, né? Tava de boa, não tava trabalhando nesse pesado, que todo mundo sabe que a dificuldade é muito grande. As vezes passa até fome porque não tem o que comer. Porque o que planta é de ano a ano. E se não criar pra comer, galinha, pato. Que a gente pejeja pra criar de tudo, que na hora que termina de um lado ter do outro. E aí o que eu pedia pra eles e pra eles: pensar bem e ficar um pouquinho no lugar da gente. Porque pra eles ver que nós só estamos aqui porque a gente precisa. ”

Maria da Conceição

(Acampamento Eduardo Galeano, 2017)

GROTÃO DO MUTUM: DESPEJO, PERDAS DOS CULTIVOS E RESISTÊNCIA



Visita de campo – pesquisadores do PNCSA, entidades de apoio de alunos da UNIFESSPA.

“O problema do Grotão do Mutum é um problema muito fora do normal. Porque a gente, quando entramos no Grotão Mutum, dia 13 de junho de 2015, a gente já pegou uma liminar logo de cara. Com essa liminar, a gente, a coordenação toda fomos trocar umas ideias, pra não sair fora. Com oito dias nós entramos de novo, foi isso! Com oito dias nós entramos de novo! Ficamos quieto por lá! Ficamos nove meses lá no Grotão do Mutum. Com nove mês, eu tinha feito um barracão, tinha feito um poço, tinha puxado energia, aí chegou a liminar! Não foi nem o oficial de justiça que levou a

liminar pro Grotão do Mutum! Quem levou foi um capitão que falou: “olha vocês vão ser despejados amanhã! 24 horas de prazo a gente vai dar pra vocês!” (...). Então aquilo pra mim foi um choque muito grande, sabe? Mas eu me apeguei com Deus. E, e os companheiros me deram mais força. Porque quando disseram que o Grotão ia ser despejados a maioria desse pessoal aqui, a maioria foram pra lá, não tem? Sossego, Alto da Serra, todo mundo foi pra lá, dá uma força pra gente! Então, nós tínhamos: (...) famílias morando lá dentro (...). Aluno estudando (...). Então, quando veio o despejo ficamos sem isso! Pra onde a gente vai? Eu tinha porcos, moço! Eu tinha uns porcos, tinha porca que estava quase na hora de parir! “Ai meu Deus do céu e agora, o que eu vou fazer? Não, o despejo está aí fora”, e tal! E o capitão com a maior exigência com a gente, empurrando a gente e tal. Antes da gente pegar as coisas, já era derrubando os barracos. Então, moço aquilo foi um sacrifício muito grande! Mas pra mim foi um problema muito grande, porque as pessoas acreditavam em mim. Aí eu falava, “não moço, a gente não vai sair daqui não!” Então, porque alguma pessoa dizia pra mim o mesmo, né? E aquilo dali martelando na minha cabeça. E eu falei “rapaz vamos procurar uma área pública pra gente ir, porque eu não tenho pra onde ir”. (...) Aí fomos pra essa área pública, que onde a gente está morando lá, morando dentro dessas quatro linhas. ”

Raimundo Garcês - Raimundão

(Acampamento Grotão do Mutum, 2017)



Despejos do Acampamento Grotão do Mutum.

“E, viemos através de doutora Amarilda, que era uma candidata à prefeita. Ela marcou uma audiência com um juiz, que era pra relatar porque ele que tinha mandado a liminar pra gente. Ele foi ver as imagens das roças da gente. Ele disse não rapaz, isso aqui não vai ficar assim não! Aí sentamos já com a Vale e o Juiz. Ele disse assim, “olhe vai ter um acordo entre vocês e a Vale!” Então, esse acordo de lá pra cá, já está com seis audiências que a gente vai pra lá! A derradeira aconteceu agora. Cheguei lá no Fórum, o juiz falou assim “aqui é o seguinte, olhe, vou dizer logo aqui pra vocês, que audiência de vocês só vai ser sete de março”. E aqui parou! Ai moço, uma: cara que está esperando isso aqui há dois anos, e o cara chegar, e dizer isso. Que sete de março é que...? Aí como eu fiquei? Eu fiquei sem ação também! Não tive força de falar nada. (...). E sempre eu digo assim, gente despejo não é pra todo mundo! E eu, eu já sofri um despejo! E estou na luta. ”

Raimundo Garcês - Raimundão

(Acampamento Grotão do Mutum, 2017)

“Era derrubando, derrubando as casas, uns saíam [...] e outros chegava como que a gente fosse assim bandido. Era caçando armas nas casas tudo. Era três, bem no barraco que eu estava foram três, dois ficava fora e dois vinham lá para dentro. Agora tinha um maravilhoso, sempre me lembro, sempre tem um filho de Deus que, esse era bom demais: “Oh Dona Rosa, nós temos que fazer isso, que nós fomos mandados”. Eu digo não importa. Mas eles fizeram muita barbaridade, muita mesmo minha filha, nunca tinha visto. Se eu lhe disser, que eu tenho é 69 anos, nunca tinha visto na minha vida, um horror de gente que tinha lá. Ele fez e não era só eu não, não era só meu não, era de muitos, lá estava tudo acabado. Há momento, eu não gosto nem de me lembrar, a coisa foi triste, ave Maria minha filha. Eu estou lhe contando bem aqui, mas vocês nem sabe, eu não gosto de me a lembrar não, que foi um momento difícil, a gente trabalhava de domingo a domingo e era passando fome. (...). Era todo dia minha filha, era esse serviço. E eu te falo verdade que Deus estar sabendo. O que eu, eu só conto o que eu vejo, eu não aumento e nem diminuo só o tantinho que nós sofremos lá, Ave Maria minha irmã. ”

Rosimar Barros da Silva

(Acampamento Grotão do Mutum, 2019)



Dona Rosa e os cultivos perdidos no despejo do Grotão do Mutum e, na área atual.

“Nós mesmo aqui, nós estamos sobrevivendo, de: um vai ali no rio pega um peixe, e planta um pezinho de mandioca, já cede pro outro que não tem? Os outros já fazem uma farinha e já chama os outros tudinho aqui, faz aquela rodada, terminar dividi entre os outros. E é a vida de formiguinha, chamada. A sobrevivência daqui é essa. Não tem uma galinha, não tem nada de comer, já vem, troca pelo um arroz, pelo um saco de milho, é assim, um saco de milho. É assim para ir sobrevivendo para poder ter seu próprio alimento. Esses dias mesmo o rapaz veio aqui, eu estive conversando com ele porque a sobrevivência estar ficando difícil, porque os que estão vivendo aqui dentro não tem de onde tirar. Quem recebe o auxílio trabalho, quem não recebe nada e, esses que vive com 100 reais. Tem outros que vive, tem família com 5, 6 filhos que vive com bolsa família de 250 reais, é assim. ”

Maria Edilza Gomes

(Acampamento Grotão do Mutum, 2019)

“TEMOS SOFRIDAS VÁRIAS REPRESSÕES”: ESTIGMAS E OBSTÁCULOS À SERVIÇOS

“Desde então, a gente tem enfrentado muitas dificuldades não só dentro do Acampamento, mas também com outras forças, tipo, prefeito, a Vale. Temos sofridas várias repressões. Logo de início às iniciativas que a gente tem tomado para mudar essa situação tipo com passeatas, com passar panfletos. Então é isso que a gente tá fazendo. Tem tentado mostrar o contrário do que nos falam, apesar do acesso da comunicação para a gente ser muito pouco. Às vezes a gente faz uma manifestação, a gente não consegue um carro de som, a gente não tem a TV para mostrar nossa realidade, o que que a gente está reivindicando, e a gente tem essa dificuldade. Assim que a gente entrou, o prefeito foi na rádio falou que era uma turma de gato pingado, que o pessoal não estava aqui para trabalhar como que sempre a gente tem sido taxados. Então os meios de comunicação ao invés de mostrar nossa realidade, mostrar o que realmente nós queremos, que que a gente luta, mostra totalmente o contrário. ”

Maria Edilza Gomes

(Acampamento Grotão do Mutum, 2019)

“Quero dizer que nós não vamos parar com a luta. Nós vamos continuar lutando, vamos continuar fazendo pra acontecer, aquilo que não aconteceu ainda. Essa situação, de nosso companheiro, conta que foram despejados das suas áreas. Outros foram presos, outros levaram até machucão, pancadas, pezas, machucão. Nós sabemos que são pagos pra isso. É uma situação que deixa a nossa pessoa, como se dizer, só em ouvir, a gente fica como se estivesse acontecendo hoje, nesse momento de agora. Então é uma situação nossa que se nós continuarmos deixando ela fazer o que tá, a situação fica mais pior ainda! Ai é aonde eles vão dizer que nos Assentamentos têm bandidos, tem isso e aquilo. Porque eles estão continuando a dizer isso, porque eles vivem falando isso, só que vai a piorar, muito mais, que Deus o livre acontecer, é uma pena. É, de falar isso, porque vai ser um crime. Porque na realidade traz uma revolta grande pra sociedade. Eu digo um crime, deles dizer que nos Acampamentos só tem bandidos que se aloja, que é isso e aquilo. E muitas vezes nós lá. Isso é uma maneira de tirar. Porque eu digo, falo que “eles são mal conduta, e a justiça vai lá e tira”, não é? Então é essa a situação! ”



Filho de acampados na Oficina de Mapa.

Joaquim Souza

(Acampamento Alto da Serra, 2017)

“A questão de ingressar as crianças na escola lá, partiu primeiramente da gestão, foi a prefeitura que colocou dificuldade, por ser uma área de conflito. Uma área onde eles falam – que a prefeitura coloca a gente aqui como invasor mesmo – uma área de invasão. Então falou que não teria responsabilidade de colocar o motorista da prefeitura para dentro da nossa área pra tá buscando esses alunos. No início tínhamos criança que tinha que andar 6 km a pé, ou de cavalo, de bicicleta, de qualquer coisa para poder chegar onde passa a van. Hoje por uma atitude do motorista da van, ele entra pelo menos esses 6 km lá pra dentro. Que é a [via] principal, onde a terceirizada da Vale faz o uso para acesso da ferrovia. A gente tem uma ferrovia que corta o Acampamento bem no meio. São metade do lado de cá, metade do lado de lá. E tem crianças que precisam vir atravessar essa ferrovia, numa passagem que não é legalizada. Ela não tem segurança, é uma passagem que a gente mesmo fez, por motivo que eles não quiseram arranjar uma passagem para a gente. E eles fazem a retirada dessa passagem, já fizeram pelo menos 3 mobilizações para arrancar essa passagem de lá, e hoje tá. Mas, facilitou um pouco a questão da escola para as crianças, e disso eu acabei de falar, pela atitude do motorista de entrar (...). A gente foi no Conselho Tutelar, mas o Conselho disse que a prefeitura – olha só a ideia do Conselho, eles. Falou que se a Prefeitura não desce apoio eles não poderiam fazer nada. (...). A gente tem lá na área (...) duas mulheres, que são da área da saúde, mas nenhuma entra na nossa área, por ser uma área de ocupação. Também porque a gestão falou que não permite eles entrar. A ambulância pode ir até na beira do asfalto, passou de lá um palmo eles vão ter que responder para a gestão, porque entrou, porque não tinha liberação para entrar. No caso de uma morte, de um acidente, eles não têm essa permissão para tá entrando lá dentro não. ”

Valmir Silva Junior

(Acampamento Rio Sossego, 2017)

“Eu percorri, esse percurso, com eles em 15 dias, porque tinha uma grande rivalidade entre o motorista e as crianças, tá entendendo. Até ele se conscientizar que Sem-Terra não era marginal. Sem-Terra era ser humano. E foi indo nesse contato, que até hoje ele já ver os Sem-Terra com outros olhos. E até ele foi substituído agora, ele chorou bastante, que ele gostava das crianças. E a gente não tinha monitor naquele período, então ele falava assim, eles são meus filhos, eles me respeitam, nós não precisamos de monitor. Já o outro rapaz a gente precisa de monitor, e tem várias reclamações. ”

Liliane Guimarães

(Acampamento Eduardo Galeano, 2019)

“Por isso os trabalhadores de Canaã dos Carajás estão passando fome. E não sabem o terço da metade, o porquê? Que às vezes não entende, dizem: “ah, os Sem Terra”. Eles, quando eles olham para os Sem Terra (nós). Eles olham com um olhar tipo, aonde o nome é: “só de vagabundo mesmo”, entende? E as dificuldades não é só pra nós, mas é de nós todos nós trabalhadores. É essa a realidade, que pra nós é difícil! Porque a maioria, o povo que comanda, o prefeito, vereador, que são contra os trabalhadores! A realidade é essa! E a nossa maior dificuldade é essa aí, porque nós não temos apoio de ninguém, entende? Se você produz você não tem como escoar a produção pra fora. Se você leva pra fora, você não tem aonde você vender. Você não tem apoio, aonde você pode vender, entende? E tá difícil, pra os trabalhadores é muito difícil! ”

Maria Edilza Gomes

(Acampamento Grotão do Mutum, 2017)

“A BESTA FERA VEM. E A BESTA FERA CHAMA-SE VALE”

“A Vale, ela sempre voou aqui por cima de avião, vigiando nós direto, para ver se acha alguma coisa que possa nos prejudicar. Mas eu acho que o que nós estamos fazendo, agora o que ela tá fazendo? Nós estamos fazendo é para comer, para plantar e comer. Botar na nossa mesa e na mesa do cidadão. O que ela tá fazendo, isso sim, é destruição do meio ambiente, porque tá acabando as cachoeiras, rios. Os rios como tá rio Parauapebas, tá pelo desmatamento que ela tá causando, tampando as fontes de água em minadores e gerando tudo isso, esse impacto no meio ambiente. ”

Antenor Marinho

(Acampamento Planalto Serra Dourada, 2017)

“... é um problema muito sério gente, que aqui todo mundo fecha o olho sobre essas coisas que acontecem. Pelo menos eu nunca fechei meu olho sobre essas coisas que acontecem no município de Canaã, e na área que eu tô pleiteando, que é peixe morto, que morre é quantidade de peixe. Você pode pegar uma caçamba lá e encher de peixe – peixe morto. E ninguém ver isso. A sociedade fecha os olhos e vira as costas pra isso. Eu denunciei várias vezes, quando eu tava assentado lá, que eu tava lá morando lá dentro. Eu chamei, liguei pra irmão Pixilinga e falei: “irmão Pixilinga tá acontecendo isso aqui assim e assado”. Eles passando todo dia lá, e todo dia vendo peixe morto lá e ninguém reagiu. Então gente, é uma crueldade, é uma sem-vergonhice, uma sacanagem que eles fazem com a gente isso aí ó, porque esses peixes servem pra gente comer, pra nossa família comer. (...) O rio de Parauapebas lá onde eu moro (?), você vai lá, você pega água lá com um caneco, assim! Você atravessa o rio de Parauapebas com água bem nisso aqui, e ele tava sequinho. Existe uma bomba d’água lá que puxa água e joga lá pra dentro da mina. Então gente, se continuar desse jeito gente ninguém vai a lugar nenhum. Se nós parar de falar e discutir sobre as coisas que tem que acontecer de bom pra nós, a gente não vai chegar a lugar nenhum. Então, sobre essa bomba d’água eu tô falando isso aqui, que isso aqui é um crime, é um crime ambiental pra sociedade. Porque você vê lá na Vila Bom Jesus – a gente mora na Vila Bom Jesus – lá não tem. Lá falta água pra todo mundo. ”

Raimundo Garcês - Raimundão

(Acampamento Grotão do Mutum, 2019)



“Na realidade, hoje onde passa a linha férrea, tinha várias nascentes de água e afluentes do rio Sossego, aonde elas não existem mais. Aonde elas foram dinamitadas, foram detonadas. Porque elas nasciam de umas pedreiras da rocha. Foram dinamitadas, foram tiradas e hoje só tem cascalho lá. Só tem um rachão que eles jogaram ali em cima. O rio Sossego eu conheço ele há pelo menos 25 anos. Eu tenho certeza e eu afirmo que, antes lá, tinha vida naquele rio e a área vegetal, era uma área muito boa e hoje não. Qualquer mormaço de chuva que dá, devido eles terem feito os cortes lá em cima, cortado para a luz, mexendo, abrindo área de expansão do S11D. Então qualquer chuvinha que dá, pega aquela lama vermelha joga toda dentro do córrego. Então o que está acontecendo? O rio está se acabando, o igarapé lá, ele está ficando totalmente imundo. Tem peixe, e a gente tem umas imagens de peixes que fica em cima buscando oxigênio. É, a questão também, o animal. Eles fizeram uma passagem lá, de fauna e flora, que assim eles denominam, só que ela é feita em uma área que tem duas fazendas, uma de um lado, outra de outro. Onde não tem nada, nada ali não passa além deles mesmos. Eles que fazem (...) para tá atravessando, a Vale e a PROSSEGUR pra tá fazendo vigilância na ferrovia. ”

Valmir Silva Júnior

(Acampamento Rio Sossego, 2017)



Rio Parauapebas na proximidade do Acampamento Grotão do Mutum.

“A mineração fez aquela bacia de rejeito de água aqui. É dez anos pra ela encher, o projeto era dez anos pra encher. Então quem mora aqui nas proximidades do rio Parauapebas, sente a diferença, que ele nunca mais ele lavou aquelas folhas da beirada dele, né seu Raimundo? Muitas das vezes a gente chegava lá, você não sabia onde era a beirada do rio Parauapebas. Então, devido essa bomba, essa maldita bomba que ela colocou aqui – é uma tubulação eu acho, bem de quinhentos ou é de seiscentos, não sei – puxa água vinte quatro horas. Então, isso foi o caso que matou esses peixinhos aqui. (...) Então no período do mês de maio que a água vai baixando, ela arrocha pra lavar o minério e jogar água na bacia de rejeito dela lá. E é o que causa esse impacto, a mortandade dos peixes. E logo o rio corta aqui, fica só os poços, só aquelas pedras que a gente anda até por cima dele. ”

José Costa – Pixilinga

(STTRs, 2017)

“Sem falar no problema que está sendo causado ali na Vila Bom Jesus, que é próximo ali da Dutra. Que (...) as famílias às vezes estão fazendo ali, o almoço quando explode uma bomba, panela cai em cima do fogão. Porque é muito. Verdade mesmo, não é mentira não. Sem falar companheiro que foi fazer uns exames em Teresina e lá o médico constatou que o problema gravíssimo. Que esses companheiros, é a água que tão bebendo, e porque está contaminada. Então lá as pessoas não estão tendo sinceramente sossego nenhum. Porque quando as crianças estão dormindo ao meio-dia que a bomba está lá. Teve casa lá, sem mentira nenhuma, tem como comprovar, na hora da explosão da bomba, a casa novinha construída, por algum tempo ela rachou assim. Então tá sendo assustador, a Vila Bom Jesus está tendo problemas demais. ”

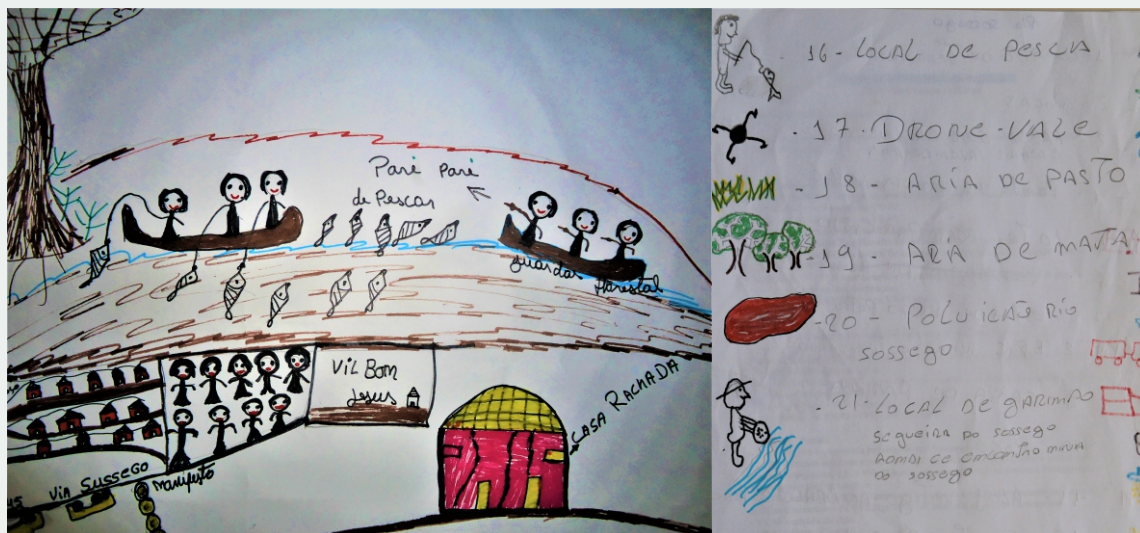
Carlene Silva

(Acampamento Planalto Serra Dourada)

“É um grande problema pra nossa comunidade e pra nossa sociedade, a barragem do Rejeito de Canaã dos Carajás. Dentro de Canaã dos Carajás, essa barragem é feita dentro de dois rios: rio Parauapebas e rio Sossego. Então, isso aqui, isso não tem infiltração disso aí? Dentro disso aí, se por acaso der uma catástrofe, igualmente, em Mariana? O que tá acontecendo hoje em dia em Mariana? Quando eu vi o que aconteceu dentro de Mariana gente (...) morreram muitos companheiros e muita coisa aconteceu. Mas o que tá acontecendo hoje lá, a justiça tá ajudando aquelas pessoas? Não tá! E pode acontecer bem aqui, com nós, também. E eu não quero que aconteça, mas, se for pra acontecer vai acontecer, e aí nós vamos ficar só aqui, é? Moço nós somos seres humanos. (...) Os impactos onde eu moro. Os explosivos que eles colocam, as casas são tudo rachadas. A maioria, das casas da vila Bom Jesus estão todas rachadas, lá. Quando colocam uma bomba lá dentro da mina, é preciso jogar os meninos – que estão dentro do colégio – pra longe do colégio, porque na poeira entra dentro do colégio e os meninos ficam sem ar dentro do colégio. Tudo isso acontecem, a poluição tá tão grande que o peixe morre dentro do rio Parauapebas, morre dentro do rio Arara. São as ameaças que a Vale tá trazendo pra dentro da Vila Bom Jesus. Os guardas não deixam as pessoas pescar mais. ”

Raimundo Garcês - Raimundão

(Acampamento Grotão do Mutum, 2019)



Representações das situações em legendas na Oficina de Mapa.



Barragem de rejeito do Projeto Sossego a partir da Vila Bom Jesus.

“A Vila Bom Jesus, hoje, você já viu aquele bombril, que a gente limpa as panelas? Quando eles soltam uma bomba lá, na Vila Bom Jesus você pode ir lá em todas as casas, em todos os lugares, você pode passar assim a bucha que você ver aquelas coisas, nas panelas, nas coisas que eles põem. Então tem pessoas lá na Vila Bom Jesus, hoje, que tá suspirando através de sonda. Eu tenho um amigo meu, que ele passou quarenta e cinco dias em coma e eu pedindo todo dia a Deus (...). E pedir uma oração pra esse amigo, passou quarenta e cinco dias em coma. Hoje em dia ele tá aí, lá na Vila Bom Jesus. Através de quê moço? Através da Vale. A Vale trouxe muitos benefícios de bom pras

pessoas, só pra iludir as pessoas. E hoje tá fazendo com nós e com todos que tão ao redor da Vale. Então, gente isso é um mau, é um mau, é um mau. Eu digo todo dia pra mim mesmo, eu digo pra mim: se existe (?), quando eu cresci eu já fui entender as coisas: “a besta fera vem”. E a besta fera chama-se Vale, eu pra mim não tem outra besta fera a não ser a Vale. Porque a Vale só tá destruindo as pessoas (...). Eu tenho a possibilidade de mostrar, eu tenho casa de amigos meu lá, onde eu moro que é rachada de cima a em baixo devido às bombas que colocam lá na Mina do Sossego. ”

Raimundo Garcês - Raimundão

(Acampamento Grotão do Mutum, 2017)

“Na mina do Sossego tem um problema geológico, eu não sou geólogo, mas sei que é um problema geológico. Em 2014 teve um abalo muito grande, um tremor de terra (...). Eu tava presente no dia lá no fundo da mina. E assim, o grande forte desse tremor fica entre a barragem de rejeito e a mina, era um rio. Era um corre lá em cima, que é uma barragem muito grande. Tava medindo lá na internet, mandar mais de 250 alqueires de lama. Inclusive a gente fez uma visita, tem comprovação disso, com fotos. Entre a barragem, a mina existe o período, para 200 metros só. Que ela começou 245 metros por do nível do mar. E hoje ela está quase 200 metros acima do nível do mar. Então assim, uma diferença muito grande geograficamente, queda de nível muito grande. Então se Deus o livre um dia essa barragem estourar, quem estiver na mina vai ser vítima fatal, tem como, na mina que tem 10 alqueires de tamanho, todo cheio de água, vai ter sobrevivente? Vai ser vítima fatal, não tem como na mina que tá uns 10 alqueires de tamanho aí todo cheio de água sobreviver dentro aí. Ele fala assim “que não tem nada a ver, que não é problema geológico” e tal. É um monte de desculpa, fala que é um terremoto, que aconteceu em algum lugar e tal e tal, mas se acontece dentro da mina (...). Aconteceu em 2014, deu dois e alguma coisa na escala Richter. Depois 2016, teve mais um que deu três e alguma coisinha. E o último agora em 2016, 2017 foi 4.7. Ou seja, é um terremoto 4.7. E o grande forte é ali naquele lugar aí. ”

Volney de Souza

(Acampamento Planalto Serra Dourada, 2017)

“A Vale, sempre o povo procurava assim, chegou um a procurar assim: dona, a senhora o que que você acha da Vale? Eu digo: não, eu acho muita coisa dela. (...). Só a mágoa que eu tenho da Vale é porque ela tem muita terra que não tem minério, muita, é muita, porque ela não coloca aqueles que quer trabalhar, minha filha? Porque tem muitos que querem trabalhar. (...). Só a ruindade que eu acho, porque tem muita terra, porque que ela não dá, minha irmã, para a pessoa trabalhar. Fica maltratando, tanta gente com tanta necessidade, tanta pobreza, tanta fome, tanta criança passando fome nesse mundo, por quê? Por causa da Vale, aquele lugar que tem minério ela: não minha gente já que tem minério vou botar vocês em outro lugar. Aquele que tivesse minério ela botava em outro lugar. Não era? É só ruindade que acho nela é isso, porque tem muitos que não tem minério, bom de trabalhar, tem muitos e ela não dá não, ela prefere jogar fora ou então deixar aí. É qualquer coisa dela, se ela tiver um objeto mesmo que vale, um copo plástico, joga no mato, mas não dá pra ninguém e quem estar trabalhando pra ela se trazer e ela ver, aquele dali ó, já era. ”

Rosimar Barros da Silva

(Acampamento Grotão do Mutum, 2019)



Barragem de rejeito do Projeto Sossego a partir da Vila Bom Jesus.

“São infinitas as causas que a gente pode identificar aqui, tanto no sentido ambiental, como mental. Bem, no sentido ambiental tem a mina do Sossego que é, uma região, que a poeira muito grande no beneficiamento do minério. Então essa poeira atingiu uma série de colonos, que tem no sentido onde vai essa poeira, né. Então isso já foi feito vários levantamentos, já foi feito denúncias, mas infelizmente, quando é contra mineração essas coisas não rende muito. Mas no sentido social, por exemplo, eu não sou diferente da grande maioria dos filhos de colonos da região. E o nossos pais têm a visão de nós estudar e trabalhar, então eu também trabalhei na mineração. Trabalhei por 14 anos na mineração e conheço muito bem, muito as pessoas, inclusive foi vítima da mineração. Inclusive fui vítima da mineração. A gente entra saudável e sai doente. Então assim, tem uma colega nossa que hoje tem problema seriíssimo de coluna, tá lutando para aposentar e não consegue. Tem colegas com problemas psicológicos. Então é uma série de problema, lutando a muito tempo, atrás de indenização, coisa parecida e não tem conseguido nada. A região bate o recorde de companheiros que vai para o Ministério Público, da Justiça do Trabalho também contra a mineração. Por exemplo, na minha turma, trabalhei, por último nós éramos 28 pessoas, dessas 28 hoje tem umas 10 que saiu. Das dez o único que ainda não colocou na justiça fui eu. (...). Tem uma série de outras coisas que acontece, são absurdas e fica no anonimato. Nem acontece uma denúncia, fica no anonimato, nem é feita. Aí tem a prostituição infantil, tem o trabalho que torna quase escravo, todo. Isso lá em cima da mineradora. ”

Volney de Souza

(Acampamento Planalto Serra Dourada, 2017)

ORGANIZAÇÃO NA LUTA PELA TERRA E AVANÇOS

“Agora nossa luta maior é pela escola, nós não temos no nosso Acampamento. Nós estamos aliando com outros movimentos. Inclusive frente a nossa ocupação tem um Acampamento de Sem-Teto. Nós tamos negociando com eles, pela quantidade maior de pessoas lá, pra que se crie uma escola. Nosso sonho ficaria mais próximo, pra nós. Que o transporte escolar pra nós também é deficiente. Quando chove as crianças têm que vim pra beira do asfalto, da BR, mais de 3 quilômetros a pé. Então, a gente tá querendo que, se conseguindo nessa luta, conseguir essa escola no Acampamento vizinho vai ser muito bom pra nós. E quanto as outras demandas, são muitas, mas é um passo de cada vez, né. Graças isso! ”

Rivelino José Torres

(Acampamento Eduardo Galeano, 2019)



Feira livre organizado pelos Acampados em frente ao STTR de Canaã dos Carajás.

“E, outro avanço do Acampamento que teve agora foi da mecanização das roças, que nunca tinha entrado o trator da prefeitura lá. Apesar que, Jeová não aceita, só que é assim: a gente vai com o presidente da Câmara, a gente vai com o secretário. É tanto, que agora, a gente, vamos gradear uma parte, pra começar a horta comunitária. Uns dizem que vai dá certo. Outros dizem que vai ter muito problema, mas se continuar a gente vai tentar resgatar. (...) Segundo o secretário de agricultura, vai nos ajudar com adubo e sementes. Aí, agora a pouco recebi a notícia, que a feira nossa, do produtor, vai ser na 45, aos domingos. Então vai ser muito bom, porque a primeira feira aqui, foi ótimo, foi excelente. A gente assim, não vende o preço que está na cidade, sempre mais baixo um pouco. ”

Liliane Guimarães

(Acampamento Eduardo Galeano, 2019)

“Hoje eu tenho os companheiros que são as lideranças nos outros Acampamentos. É, a gente sempre tá sentando, a gente sempre tá buscando uma melhoria para o grupal, geral, para todos. Porque a gente se considera um grupo só. E não é só consideração, porque na realidade é essa mesma. Convivência que eu tenho com cada um deles, para mim excelente. Hoje eu sou um dos que acompanha bastante, e sempre quando a necessidade não deixa, não me limita de ir nas reuniões, eu sempre estou lá. (...) Na realidade que o meio de transporte está muito fraco na nossa área. Que limita a gente de tá indo numa reunião, de tá correndo atrás sempre, é isso. Mas em questão de relacionamento com o grupo, com as outras lideranças ela é excelente, para mim 100%. Sem também deixar de ser citar o nosso Sindicato, que nos acompanha. E lá dentro a gente tem um companheirismo, não é só o Sindicato, tem um companheirismo muito grande lá dentro também, que luta, que corre atrás juntamente com a gente. ”

Valmir Silva Junior

(Acampamento Rio Sossego, 2017)

MAPAS E CARTOGRAFIAS: LUTA E NEGOCIAÇÕES PELA TERRA



Elaboração de croquis do Acampamento Grotão do Mutum.

“A gente fez um acordo com a Vale. A gente foi lá na Cartografia do INCRA (...) tiramos a cartografia. Então, estamos na negociação porque a gente sempre brigou com a Vale e, ela falava que ela não sentava com o Movimento. Hoje ela já tá sentando com a gente. A gente tem uma reunião com ela terça-feira, agora, pra discutir esse problema nosso. Então, até o momento, o que tá acontecendo de bom foi só a Vale ir sentar com a gente, entendeu? Pra conversar. Ela já sentou três vezes aqui, só que nunca foi no Acampamento. Agora, terça-feira ela vai nos quatro Acampamento pra ter uma conversa com os Acampados. Agora, essa conversa a gente não sabe qual o significado. Se, é para gente circundar uma área. Porque já foi falado pelo menino do INCRA que a Vale vai

comprar uma área para colocar essas pessoas. Vai devolver essas áreas que não vão ser beneficiadas com o minério e, vai devolver pras pessoas. E se não der pra colocar todo mundo, ela vai comprar uma área e colocar essas pessoas ali nessa área. ”

Raimundo Garcês - Raimundão

(Acampamento Grotão do Mutum, 2017)

“Podemos dizer assim, graças a Deus, houve muitos avanços (...) pra melhor, porque já tivemos com mandados de despejo, graças a Deus foi suspenso. Agora depois desse fato, que ajudou muito foi a nossa união do MST com movimento social de Canaã. Conseguimos fazer uma ocupação lá em frente o projeto S11D. Fato esse, que nessa negociação foi suspenso as liminares e aí nós estamos! Isso foi feito um acordo, da Vale com o INCRA, agora eles estão se propondo a entrar nas áreas pra fazer levantamento, que eles chamam de senso. Uma empresa, da contratada da Vale, Diagonal, que é de Belém, faz pesquisa nesse sentido, quem vai fazer esse levantamento. ”

Rivelino José Torres

(Acampamento Eduardo Galeano, 2019)



Atividade de georreferenciamento pelos Acampados.

“Então assim, sobre a questão do senso, a Vale fez um contrato com o INCRA, eles assinaram um documento, um acordo, se eu não me engano foi ano passado, setembro do ano passado (...). Na direção que a gente tem na emenda, agora assim, porque devemos esse acordo, a Vale já tinha algumas informações principalmente sobre liderança, mas sobre o grupo que estava dentro da comunidade, não. Só que assim, a empresa agora tem nas mãos as documentações, informações. Então eles veem, porque tudo foi relatado, nessa entrevista que eles fizeram. E assim foi o que a comunidade ficou, foi isso, porque a gente tem nossos advogados que trabalha ali, tem o pessoal da CPT que acompanha a gente, o Sindicato que acompanha a gente. Mas eles falaram, a gente sempre quis isso para ver se resolvia os problemas, das histórias das ocupações. Então vamos ver o quer que acontece, (...) que está com tudo na mão. Se ele quisesse agora fazer uma integração geral para cada um, a população de cada, pessoa, eles conseguem. E mudança, teve mudança, agora pra gente está para estudo. O pessoal mudou o superintendente, superintendente que tinha antes que era o Valcinei, ele tinha estudado nosso processo por inteiro. (...) estava sempre tendo reunião com a gente (...) agora com essa mudança do superintendente. Quem mudou foi até o homem que era, que ele era presidente do sindicato dos fazendeiros de Marabá, e aí vai ficar um pouco complicado que ele não vai dá mais [atenção] que estava dando pro nosso processo. ”

Valmir Silva Júnior

(Acampamento rio Sossego, 2019)



Apresentação de croquis do Grotão do Mutum na oficina de Mapa.



Apresentação de croquis do Grotão do Mutum na oficina de Mapa.

“Quando a gente procurou o Sindicato que a gente não tinha horizonte nenhum, simplesmente, conseguiu um grupo lá. Eu fui uma das frentes para entrar na área, e aí a gente teve até o Sindicato, o Sindicato representou a gente. Eles apresentaram o CEPASP, a CPT, a Federação, que é a FETAGRI. Devidos esses outros, a gente já teve conhecimento com o MAM, assim, querendo ou não a gente tem a participação deles com a gente, porque sempre a gente teve um encontro, igual teve um encontro (...). Então a gente acaba entrando em contato com eles, acaba declarando o que acontece na nossa comunidade. Eles trazem, tipo, tem moradores das ferrovias, tipo daqui para Maranhão quem conhece tem várias comunidades. Então assim, todas essas que eu citei, estão envolvidos no nosso meio. Aí a expansão dessas informações que na gente tem aqui, igual eu coloquei naquela hora, é muito bom. Porque a gente já teve, pela faculdade, já teve várias pessoas que foram fazer entrevista na nossa área, de fora do Brasil, aonde essas informações já saíram até no El País, um jornal que é um jornal muito importante, muito interessante. E devido a isso aí, tem informação lá fora porque se depender daqui, do nosso gestor, o pessoal que trabalha com mídia, isso não sai. Só sai: “ó, Canaã dos Carajás é um lugar rico, muito bom”. Mas a realidade mesmo, a gente que estar procurando um pedacinho de terra para sobreviver, não sai lá para fora. É, até esse projeto que vocês fizeram, hoje vai ter um conhecimento muito grande e vai levar lá pra fora a nossa realidade. ”

Valmir Silva Júnior

(Acampamento rio Sossego, 2019)

“Então a gente tem se articulado durante esse período de luta nossa, como Acampamentos. Surgiu mais movimentos, não existe mais sofrimento hoje, tem um movimento em defesas, contra a mineração, que é um movimento local municipal. (...) A gente começou agora uma articulação com outro movimento do sentido de somar forças, que é unificar as forças. Então nós estamos conversando agora com MST que também tem dois Acampamentos aqui na região da mineradora, que é o Acampamento Eduardo Galeano e o Axixá, aqui, também fica dentro do município de Canaã. E com isso a gente está dialogando com essa turma. Tem a FETRAF que também têm Acampamento na região, agora. Tem uma outra Liga que tá começando, a gente tá conversando também. Então é um resumo de como é que tá trabalhando, hoje, no movimento na região (...). Tá voltando-se o sistema de criar mapa para facilitar o entendimento da sociedade em relação aos conflitos sociais que é um trabalho parecido com esse que a gente tá fazendo hoje. Então as coisas têm andado. A gente não tem ganhado muito espaço na mídia convencional, porque você sabe que esse povo é sempre manipulado pelo sistema capitalista. Então a gente não tem muita coisa, mas graças a Deus apareceu a internet na vida dos movimentos, que a gente consegue se articular e divulgar todas as nossas ações através da internet. E isso é uma coisa que ajuda. ”

Volney de Souza

(Acampamento Planalto Serra Dourada, 2017)



Oficina de Mapa e elaboração de croquis.

Participantes da oficina e reunião (Nov. 2017 / fev. 2019 / ago. 2019)

Valmir Júnior
Ansddnia Vieira
Maria Dulcineia da Silva
José Raimundo Garcês
Joaquim Pereira de Sousa Neto
Maria Edilza da S. Gomes
Railma Carneiro da Silva Santos
Edinaldo P. da Costa
Dinaldo Sousa
Eliezio de Paula
Raimundo Sousa
Volney de Souza
Eduardo Silva do Nascimento
Emanoel Pereira Rocha
Josinete Aparecida Santos
Clenilton P. Scov
Marly Costa Oliveira
Maria de Jesus Nascimento
Francisco Alves da Silva
Valniza P. da Silva
Caroline da Silva Souza
Maria Augusta Ribeiro
Gildênia Ribeiro Branco
Elizângela Nery da Silva
Moraes Ferreira Pereira
Ana Lucia Santos de Sousa

Willami dos Santos
Maria Rodrigues da Silva
Gledilton de Sá Pereira
Edilson Lopes
José Raimundo Pereira
Manoel Reges Rosário Silva
Lecardo Cardoso da Silva
Dão Rumero da Silva
Adelio Aparecido Oliveira Brandão
Franks Diassis Lila
Alcides de Jesus
Vagner Conceição Pacheco
Joaquim Marcelino
Begilcardo de Sousa Silva
José Américo Barreto
José Corarés da Cruz
José Pereira Filho
Isaias Pereira da Silva
Paulo Rodrigues da Mota
Lindalva Pereira Andrade
Nelson
Antônio Carlos G. Cordeiro
Waldemar Alves de Abreu
Gilene P. de Sousa
Manoel Pereira Rocha
Raimundo Alves de Abreu

Justiliano Rodrigues Vasconcelos
Euquiás Barreto Rocha
Antônio João Martins
Carlos Pereira Silva
Cristiane Jardim Gustavo
Manoel Fernandes de Brito
Reinaldo dos Santos Evangelista
Lucineide Bezerra
Elida Gabriella Leite Souza
Cícero Francisco do Nascimento
Leonardo Gomes
Edina Alves da Silva
Maria Dulcineia Sousa Martins
Giumara Souza castro
Valdivino Rodrigues
Christiane Souza Lacerda
Maria Vanusa da Conceição
Veronica Rodrigues Ferreira
Aquiles Santana Campos
Ireneide Lopes Moraes
Flávia da Moto Souza
Wanderley de Alencar Cardoso
Evanildes Alves da Silva
Rivelino José Torres
Liliane Guimarães



Oficina de Mapa no Planalto Serra Dourada, novembro de 2017.

1. Boletim Indígenas Gamela no Cerrado Piauiense.
2. Ribeirinhos, Pescadores e Pescadoras do Vilar e Moju na Ilha Xingu-Pae Santo Afonso: Território e Resistência de Nossas Origens.
3. Boletim Informativo dos Povos Indígenas do Vale do Javari.
4. Cartografia Social do Baixo Tocantins até sua Foz no Rio Pará, ao Sul da Ilha de Marajó: Povos e Comunidades Tradicionais na Rota dos Grandes Empreendimentos, no Pará.
5. A Guerra no Território do Conde: Comunidades Tradicionais, Migrantes, Estado e Empresas na Disputa Territorial.
- 6. Trabalhadores da Agricultura Familiar: Acampados Oprimidos pela Mineração em Canaã dos Carajás.**



Nós somos pequenos, mas graças a Deus somos teimosos, resistentes, estamos lutando.
Morrer, nem que seja lutando, mas ficar calado, cair – morrer em pé – assim não, jamais.
Nosso lema é lutar sempre!

Rivelino José Torres
(Acampamento Eduardo Galeano)

Financiamento:



**Climate and
Land Use Alliance**

Realização:

PNCSA
Projeto Nova Cartografia
Social da Amazônia

Agricultores
Acampados de Canaã
dos Carajás

STTR
de Canaã dos Carajás

Movimento dos
Trabalhadores Rurais Sem
Terra - MST



Apoio:



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

PPGCSA

Programa de Pós-Graduação
em Cartografia Social
e Política da Amazônia



Grupo de Pesquisa

Núcleo de Cartografia Social
do Sul e Sudeste do Pará

LERASSP

CEPASP

CPT